



Revista de Políticas Públicas

E-ISSN: 2178-2865

revistapoliticasp-publicas@ufma.com

Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Kaminski, Ricardo S.

DEMOCRACIA RADICAL E PODER NA TEIA GLOBAL DOS INDIGNADOS: horizontes
de uma nova cultura política no século XXI

Revista de Políticas Públicas, julio, 2014, pp. 241-255

Universidade Federal do Maranhão

São Luís, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321131273024>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DEMOCRACIA RADICAL E PODER NA TEIA GLOBAL DOS INDIGNADOS: horizontes de uma nova cultura política no século XXI

Ricardo S. Kaminski

Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEMOCRACIA RADICAL E PODER NA TEIA GLOBAL DOS INDIGNADOS: horizontes de uma nova cultura política no século XXI

Resumo: Constituindo uma teia transnacional de movimentos antissistêmicos, desde 2011 novos atores sociais colocam na pauta contemporânea a discussão sobre o poder e a democracia. Ao questionarem a democracia liberal representativa, propõem um igualitarismo democrático radical que interpela sobre as possibilidades da reinvenção da democracia a partir de novas gramáticas sociais. Tais movimentos desenvolvem dimensões simbólicas e práticas características da cibercultura, em espaços ainda não consolidados no âmbito das instituições contemporâneas. Assim, este artigo apresenta, como eixo central, a cultura política implicada nas concepções de poder e democracia dos "occupies", na disputa contemporânea pelo significado da cidadania e do poder.

Palavras-chave: Capitalismo, cultura política, Movimento Occupy Wall Street, movimentos transnacionais, democracia, poder.

RADICAL DEMOCRACY AND POWER IN THE GLOBAL WEB OF THE OUTRAGED: horizons of a new political culture in the 21st century

Abstract: Constituting a transnational web of anti-systemic movements, since 2011 new social actors put on the contemporary agenda the discussion about power and democracy. In questioning liberal representative democracy, they proposed a radical democratic egalitarianism, which asks about the possibilities of reinvention of democracy from new social grammars. Such movements develop symbolic and practical dimensions characteristics of cyberspace, in spaces not yet consolidated in the context of contemporary institutions. Thus, this paper presents, as the centerpiece, the political culture implied in the concepts of power and democracy of "Occupies" in contemporary dispute on the meaning of citizenship and power.

Keywords: Capitalism, politic culture. Occupy Wall Street Movement, transnational movements, democracy, power.

Recebido em: 13.12.2013. Aprovado em: 06.01.2014.

1 CRISE DO CAPITAL E A EMERGÊNCIA DA TEIA GLOBAL DE MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS: o enigma do precariado e a emergência de uma nova cultura política

Um espectro ronda a Europa: com esta frase, em 1848, Marx e Engels iniciam o texto do Manifesto Comunista acerca dos acontecimentos históricos que marcaram o início da primeira fase da modernidade (Domingues, 2007), circunscrita pela luta de classes na primeira metade do século XIX. Acontecimentos históricos recentes ressuscitam os *espectros* do passado, manifestam um clima de incertezas e de indeterminações, configurando paradoxalmente, o que Baudelaire define como uma das marcas da modernidade: *a incerteza, a indeterminação, o fugidio*.

Não como farsa, mas como tragédia de nosso tempo, a atmosfera de revoltas, conflitos reprimidos pela violência do aparato do Estado contra cidadãos em protesto em diversas cidades mundo afora, em pleno exercício da liberdade democrática, demarcam a força da crítica radical que desfere o precariado contra a classe política no poder. A multidão enuncia suas palavras de ordem, a orbitar, principalmente, duas palavras-chave: **democracia e poder**. Diante de ondas gigantescas de revoltas do precariado nos grandes centros urbanos, do Norte ou do Sul, o tempo presente impõe a urgente reflexão crítica sobre os limites e possibilidades da democracia, do Estado e do poder no contexto do capitalismo tardio, no vórtice recorrente e veloz sob o signo da crise.

Desde que a mais recente crise sistêmica se intensificou, evidenciando as contradições características da civilização do capital, em sua expansão sem limites, é possível perceber os *sinais dos tempos* a conduzir possíveis transformações históricas significativas. As revoltas populares que emergem em ondas de mobilizações desde a Primavera Árabe até o advento dos indignados espanhóis, gregos, ingleses, franceses, islandeses, alemães ou portugueses, entre outros, emitem estes sinais que reverberam também em países da América Latina, incluindo o Brasil. Como um fenômeno enigmático do tempo presente, as vagas de revoltas que tomam as ruas reverberam sons que expõem os limites, fissuras e contradições ocultadas pela ideologia do capital, cada vez mais acirradas, em suas conexões orgânicas com o Estado democrático e suas instituições, dispositivos e valores sedimentados com a modernidade.

A intensificação dos processos de globalização, a partir das últimas duas décadas do século XX, produziu tensões políticas e sociais em um cenário histórico no qual se desenvolveram movimentos sociais característicos da cibercultura, potencializados por novas tecnologias de informação e comunicação. Para Edgar Morin (1999), o século XXI começa com os protestos ocorridos em Seattle², os quais demarcaram o início dos protestos

antiglobalização em um ciclo de mobilizações que articulou os movimentos sociais mais significativos que demarcaram esse período de transição histórica de expansão do projeto neoliberal, que intensificava sua agenda e ampliava seu campo de influência desde 1979 (CHESNAIS, 1996). Neste período, podem-se destacar os seguintes ciclos de protestos que fundaram o ativismo dos movimentos antiglobalização: a marcha Zapatista de Chiapas para a capital do México (2001), as manifestações da sociedade civil global em Gênova (2001), na Itália, na reunião do G8 e o caso das redes de mobilizações contra os governos e as corporações nos Estados Unidos, que ficaram conhecidas como J18³, N30⁴ e A16⁵.

Os novos atores sociais a emergir no cenário global do século XXI já não se articulam com ações diretas pontuais, em torno de eventos internacionais específicos, como aqueles da virada do milênio, conforme destacado por Edgar Morin, mas passam a assumir configurações organizativas de redes transnacionais contra formas históricas de injustiça social, desigualdades e exclusão, demandando por transformações radicais nas concepções políticas, nas estruturas e funções de instituições historicamente concebidas como democráticas e nos sistemas de práticas e valores políticos dominantes. Na produção de suas lutas, os movimentos que tomam as ruas e espaços públicos nas grandes cidades mundo afora, a partir da segunda década do século XXI, vêm desenvolvendo gradativamente os fundamentos de novas culturas políticas, balizadas em concepções políticas radicais a partir de princípios como horizontalidade, consenso, ação local autônoma e descentralizada, autodeterminação e autogestão, democracia direta e poder difuso.

Em 2011, na Europa, logo após o *EuroMayDay*⁶, multidões insurgiram-se nas ruas da Grécia, em profunda recessão econômica. Na Espanha, os Indignados protestaram, ocupando a Praça del Sol, em Madri, Barcelona e Valência. Em Bruxelas, sede do parlamento europeu, a *Marcha Popular Indignada* reuniu multidões que caminharam e mobilizaram-se em rotas vindas de Portugal, Itália, Grécia, Suíça, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra e Irlanda. Em setembro do mesmo ano, expressões do movimento eclodiram em Israel, onde cerca meio milhão de manifestantes tomaram as ruas, ocupando o Boulevard de Rothschild, em Tel Aviv. Entre 15 e 17 de setembro de 2011, explode nos Estados Unidos o Movimento Occupy Wall Street (OWS), que ocupou o centro financeiro do capital onde a crise internacional se intensificara, com a crise do mercado imobiliário e do crédito *subprime*.

Na América Latina, movimentos que já existiam antes da *primavera dos indignados* e ocupações de 2011, passam a reforçar suas lutas e mobilizar militantes e ativistas, articulando multidões por meios eletrônicos a ocuparem as ruas e praças nos grandes centros urbanos latino-americanos.

Dessa forma, a rede transnacional de movimentos de ocupação passa a articular-se com os nós locais do Chile, Brasil, Argentina, Uruguai, México, Colômbia, Bolívia e Peru, principalmente a partir do dia protestos em nível mundial que ficou conhecido como *15-O World Revolution, Global Change: Unidos por uma mudança global*.

No dia 15 de outubro de 2011, o dia da mobilização global conhecido como 15-O, ganha força em várias cidades da América Latina. A ação denominada *Revolução Global*, foi articulada pela rede transnacional de movimentos de ocupação. O dia mundial de protestos fez parte de uma série de ações articuladas, inspiradas pela *primavera árabe*, a *geração à rasca* portuguesa, os *indignados* espanhóis, os protestos gregos e pelo Movimento Occupy Wall Street. Manifestações globais foram realizadas neste dia, em mais de 950 cidades em 82 países⁷. A data foi escolhida para coincidir com o aniversário de cinco meses do primeiro protesto na Espanha, iniciado em 15 de maio, que conferiu o nome de 15M ao movimento dos indignados espanhóis. Assembleias gerais, as redes sociais e listas de discussão foram usadas para coordenar os eventos. Em alguns protestos compareceram apenas algumas centenas, enquanto outros chegavam às centenas de milhares de pessoas, sendo o maior deles em Madrid, que atingiu meio milhão de manifestantes, e o segundo maior, da cidade de Barcelona, com 400 mil.

Articulados a uma espécie de rede global descentralizada a catalisar ações diretas locais que culminam em grandes protestos, milhares de *indignados* saíram às ruas em várias cidades do Chile e em diversos países latino-americanos. Em Santiago, onde, de acordo com os organizadores, cerca de cem mil pessoas estavam concentradas, exigiu-se a elaboração de uma nova Constituição que iria substituir a atual, produzida em 1980, durante a ditadura de Augusto Pinochet. Na Argentina, também a partir do dia da mobilização global "15-O", ocorreram ações diretas em Buenos Aires, Córdoba, Mendoza, Rosário, San Miguel de Tucumán e San Salvador de Jujuy. Neste dia global de protestos, também ocorreram manifestações em cidades da República Dominicana, Cidade do México, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Goiânia, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e São Paulo, Lima, Bogotá, Montevideo, Quito, San José de Costa Rica e Managua.

Com o tempo, o Movimento Occupy Wall Street (OWS), no processo da própria diáspora⁸, desdobrou-se em cinco grandes tendências: *Tide*⁹, *Pivot*¹⁰, *Reclaim*¹¹, *Novad*¹² e *Strike Debt*¹³. Dentre tais constelações a pesquisa desenvolveu-se mais profundamente com os Novades, que propõem a refundação do anarquismo a partir de referenciais tanto inovadores, dos quais emerge o movimento, quanto tradicionais, relacionados às mais variadas fontes autorais. Os Novades vêm construindo sua

identidade a partir de inspirações interdisciplinares desde campos diversos como a filosofia, arte, política, sociologia, história, estética, antropologia, biologia, física, entre outros. Para alguns ativistas está sendo gestada uma escola de pensamento e uma estética revolucionária que pretende a libertação do humano dos dispositivos de dominação impostos pelos governos e pela classe política que governa o Estado democrático em nome do capital e dos interesses do *império*, em detrimento dos interesses, necessidades e demandas populares.

Em 2011, as mobilizações da *rede occupy* na América Latina não assumiram as proporções que tiveram nos países no Norte. Isso se deve, provavelmente, às condições socioeconômicas, históricas e políticas dos países latino-americanos e ao fato de que a crise, que vem se desenvolvendo desde 2008 no cenário internacional, afeta mais fortemente as economias de países da Comunidade Europeia. Pelas especificidades sociopolíticas das sociedades latino-americanas e pelo histórico das lutas e alternativas, conforme defende Boaventura de Sousa Santos (2011), gestam-se novas possibilidades emancipatórias, desenvolvidas a partir das epistemologias do Sul, a constituir diferentes experiências de radicalização da democracia e de poder forjadas no ativismo dos movimentos sociais e de suas concepções e práticas políticas.

No Brasil, apesar do momento de relativa estabilidade econômica e *pleno emprego*, a energia acumulada no rizoma das subjetividades indignadas toma forma de *enxameamento* nas ruas, em junho de 2013, quando o Movimento Passe Livre puxa uma ação direta nas ruas de São Paulo, em Porto Alegre e Rio de Janeiro, em pleno período da Copa das Confederações. O que une os indignados espanhóis, os occupies americanos e os rebeldes brasileiros que ocuparam as ruas e praças no mais recente ciclo de protestos e revoltas populares da história? Muitos elementos apresentados pela onda ações diretas, que tomou o país no mês junino, podem, também, serem identificados nas primaveras europeias e no movimento Occupy Wall Street (OWS). Além da questão da mobilidade urbana, outro componente catalisador dos protestos se mostrou evidente: a eficiência o Estado em promover as reformas e grandes obras com recursos públicos em favor dos interesses da FIFA, de grupos privados do negócio do futebol e das grandes corporações, contrastou com a fragilidade, falta de recursos, a ineficiência e baixa qualidade das políticas públicas de educação, saúde, transporte e moradia, entre outras.

A partir desse evento, que configurou um marco histórico no Brasil, em um contexto mundial das primaveras que florescem nas ruas dos grandes centros urbanos, reconfiguraram-se diferentes atores e movimentos sociais (novos e velhos, de esquerda e de direita, dos partidos governistas e da sociedade civil) e as dinâmicas que constituem o cenário político no país. Os protestos encarnados pela revolta do

precariado (ALVES, 2012), questionam (com maior ou menor radicalidade) as instituições políticas modernas circunscritas no campo da democracia.

Como resultado da pesquisa, desenvolvida desde 2011, a análise dos atores envolvidos nas ações diretas aponta que, na disputa contemporânea pelo significado da cidadania e pelo projeto de democracia liberal, os projetos dominantes lançam mão de novos discursos individualizantes e atomizados, desenvolvem novos dispositivos de ajuste, controle e repressão social, visando introduzir novas formas de subjetivação e disciplinamento dos corpos na forma de biopoder (FOUCAULT, 1995) e de dispositivos ideológicos sofisticados. A onda de revoltas, protestos e ocupações tomou forma de uma teia global de movimentos antissistêmicos descentralizados e autônomos, articulando as potencialidades do ciberespaço e as tradições emancipatórias dos movimentos nos espaços urbanos.

Nesse sentido, este artigo apresenta alguns indicativos de que está sendo gestada uma teia transnacional de movimentos antissistêmicos (as *constelações* que resultaram das mobilizações do OWS, na América do Norte, do Movimento dos Indignados na Europa e dos protestos de junho de 2013 no Brasil, entre outros) que colocam na pauta política contemporânea a discussão de alternativas aos regimes econômicos desiguais e a experimentação do igualitarismo democrático radical (PESCHANSKI, 2012) fundamentado em concepções e práticas que estariam, como hipótese de pesquisa, produzindo referenciais de uma nova cultura política cibercultural a ser devidamente delineada.

A pesquisa realizada aponta que o questionamento à democracia liberal representativa constitui um elemento central na crítica contundente dos movimentos aos modelos historicamente estabelecidos como democráticos. Os novos atores sociais em cena, resultantes das ondas de revoltas e protestos, de fato, estão a erigir uma espécie de Ágora contemporânea, característica da cibercultura e do que os Novades caracterizam por *hipermordernidade*.

Articulados nas redes sociais virtuais em direção às ruas e praças, os grupos que à grande teia de movimentos se integram por afinidades, sintetizam o sentimento de indignação ante um sistema do capital que amplia os antagonismos e assimetrias, nos marcos de uma democracia impotente face aos processos sem limites de expansão do capital. No núcleo da crítica dos indignados está o modelo liberal de democracia representativa, a corrupção da classe política, o capitalismo especulativo e a relação orgânica dominante do mercado neoliberal com o Estado e os governos, cujos interesses favorecem o capital em detrimento dos direitos humanos, do meio ambiente, das políticas e demandas sociais.

A configuração social dos indignados ou *occupies*, que atuam nos grandes centros urbanos em

uma teia global, constitui um novo tipo de proletariado que se alarga, denominado de *precariado*, encarnando o crescimento da precariedade laboral, conforme Giovanni Alves (2012), caracterizada pelo desemprego estrutural e por múltiplos processos de precarização do trabalho. Em meio aos conflitos e movimentos da *multidão contra o império* (NEGRI; HARDT, 2005), a classe política precisa convencer a população nacional indignada – que está a pagar o alto preço social e econômico da crise –, de que a ordem mundial, em sua configuração atual, constitui a melhor saída, não apenas para as elites ou para determinados grupos sociais privilegiados, mas convencê-la de que esta é a melhor e a *única* saída para todos (HARVEY, 2011).

As ocupações que se espalharam nas grandes cidades, especialmente em 2011 e 2012, portanto, constituem um acontecimento fundador de um novo tipo de teia global de movimentos sociais antissistêmicos conectados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, que esboçam características de um novo *transnacionalismo* da sociedade civil para a ação coletiva. As suas pautas reivindicatórias interpelam sobre as possibilidades da reinvenção da democracia, a partir de uma nova gramática social. A delimitação da cultura política emergente, e das concepções radicais de democracia e poder forjadas na ágora contemporânea cibercultural dos indignados, permite especular se há sinais de que a crise que se desenvolve não seja apenas uma crise econômica e financeira, mas também, e principalmente, uma crise de instabilidade das instituições sociais, econômicas e políticas, que *sofrem* ao tentar adequar-se às novas reconfigurações em andamento.

Parece haver uma dupla assimetria destacada pelos indignados e *occupies* no contexto das democracias representativas colocadas em xeque: de um lado a assimetria entre os interesses e o poder do capital em relação aos da maior parte dos cidadãos, de outro a assimetria contrastante entre a cultura política da classe política no poder e a cultura política que vem sendo forjada sob os signos das ondas de revoltas populares.

O capitalismo, em sua dinâmica própria, potencializou-se e generalizou-se, ampliando e amplificando seu domínio no tempo e no espaço, parecendo ter se convertido em objeto do fetiche reificado de todos os povos, *aplanando o mundo e a história* (LIPOVETSKY, 2007). Ao radicalizar-se, o capitalismo (e as relações sociais, econômicas e culturais dele decorrentes), radicalizou também as resistências, passando a enfrentar novas tensões e contradições, aparentemente amplificadas também pelo mesmo processo em um panorama determinado pela hipermordernidade, que acelera e encurta o tempo-espacó das relações sociais em favor do capital.

A pesquisa até aqui realizada, indica que os movimentos transnacionais de ocupação, desde 2011, continuam a ampliar e organizar sua luta,

com horizontes políticos plurais, entre os quais se destacam três grandes vertentes: determinados grupos desejam inclusão socioeconômica, ampliação e garantia de direitos historicamente conquistados, visando maior equidade e justiça social; outros pretendem a reinvenção da democracia e da política, visando instituir uma nova ordem social; grupos de tendência neoanarquista, que atuam fortemente no movimento OWS e na Europa, propugnam como a solução possível a extinção de toda e qualquer forma centralizadora de poder e o desenvolvimento de formas de vida social e de práticas políticas nos interstícios da tessitura do poder estatal.

O presente artigo tem como proposta apresentar alguns resultados da pesquisa, tendo como pano de fundo da cultura política implicada nas concepções de poder e democracia dos "occupies", na medida em que possibilitam a compreensão da dinâmica veloz e multifacetada da vida social contemporânea e impõem às ciências sociais o desafio do aporte e desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas capazes de iluminar a complexidade de atores sociais articulados em redes ou teias globais transnacionais, em suas múltiplas camadas e dimensões de subjetividades, estratégias de luta, mobilizações e formas de ação coletiva no âmago da cibercultura.

Visando apresentar, sob determinado prisma, o olhar sociológico sobre esse novo sujeito político do mundo contemporâneo, busca-se apresentar alguns elementos constitutivos das concepções de poder e de democracia radical, pressupondo que estas ondas *primaveras* de revoltas populares, ao desdobrar-se em diferentes constelações e cosmogonias políticas, estariam produzindo uma nova cultura política, que contrasta profundamente com os sistemas político-partidários e com os valores arraigados da democracia representativa moderna. Também são levantados alguns elementos em comum entre as práticas e concepções dos movimentos que ocorreram Europa, nos Estados Unidos e no Brasil nos últimos dois anos.

Assim, a questão que estes fenômenos contemporâneos colocam em pauta no âmbito das ciências sociais, é compreender os elementos constitutivos, a natureza e as perspectivas desses movimentos que propõem novas formas de organização social, desenvolvendo dimensões simbólicas e práticas em espaços ainda não consolidados no âmbito das estruturas e instituições sociais e políticas contemporâneas.

Desse modo, esses novos atores da cena internacional constituem uma lente por onde problemas mais gerais do capitalismo global ganham visibilidade, especialmente aqueles relacionados à representação política na democracia e às formas centralizadoras de poder. Ao indagar sobre a emergência de uma *ecologia política hipermoderne*, levando em conta a capacidade e os limites que tais sujeitos coletivos encarnam, faz-se necessário,

portanto, determinar os significados e o impacto que as mobilizações e seus desdobramentos apontam no campo sociopolítico - seja para contribuir com o debate acerca da qualidade da democracia no capitalismo, seja sobre os caminhos para a emancipação social preconizadas por tais constelações.

2 AS REVOLTAS POPULARES NO BRASIL NA TEIA GLOBAL DE MOVIMENTOS ANTISSISTÊMCOS: a democracia radical do precariado levanta-se contra os imperativos do capital.

Em junho de 2013, um histórico ciclo de protestos teve início, *contaminando*, como um vírus, as veias abertas do país tropical. Ruas e avenidas, becos, vielas e praças, espaços públicos e privados de um dos países mais desiguais do mundo foram sendo *ocupados* por multidões indignadas que se avolumavam, gradualmente, como uma tsunami ameaçadora ao poder político e econômico instituído. Armadas apenas com seus cartazes, máscaras e gritos de ordem, as novas formas de lutas e resistências, características da cibercultura e do mundo globalizado, levantaram-se contra as *velhas* instituições democráticas e contra o sistema político que possibilita que a classe política desconsidere impunemente as reais necessidades e demandas de enormes parcelas de cidadãos, em nome dos interesses corporativos e imperativos do capital.

Neste período junino de tumultos e revoltas, o Brasil inaugura a sua versão das *primaveras* que vinham ocorrendo na Europa, na América do Norte e no mundo Árabe. O evento-estopim das revoltas nas cidades árabes¹⁴ foi a autoimolação de um jovem comerciante no Iêmen e em outros quatro países. No Egito foi a ocupação da Praça Tahir e, na Turquia, a da Praça Taksim. Nas cidades da Europa¹⁵, o evento catalizador foi a repressão violenta dos manifestantes na Grécia e a ocupação da Praça Del Sol, em Madri¹⁶. Nas cidades da América do Norte, a ocupação de Wall Street e depois do Zuccoti Park, em Nova York. O processo de enxameamento (*swarming*), mediado pelas redes sociais digitais, que levou multidões a ocupar ruas e praças das grandes cidades brasileiras, também teve início com um evento-estopim: a ação direta do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro, e a subsequente reação violeta da forma policial-militar do Estado, contra manifestantes no soberano exercício democrático do direito de livre associação e expressão política.

O ciclo brasileiro de manifestações teve início com os primeiros atos organizados pelo MPL, no dia 6 e 7 de junho de 2013, contra o aumento da tarifa de transporte público. Ironicamente, foi a violenta repressão do aparato estatal policial, no intento de reprimir as manifestações, que desempenhou o papel catalisador que levaria multidões às ruas no

ciclo seguinte de levante popular. No terceiro dia de protestos, em 11 de junho, 20 manifestantes são presos e, a partir desse momento, o efeito de enxameamento passa a tomar forma, convergindo multidões, que se articulavam e mobilizavam espontaneamente pelas redes sociais digitais.

A imprensa nacional, em 13 de junho, passa a engrossar o caldo repressor e de controle social, pede um ponto final nas manifestações, exigindo que se restrinja o acesso à Avenida Paulista, tachando os manifestantes de vândalos, defendendo que para combatê-los, dever-se-ia utilizar a força da lei, cumprindo “[...] investigar, identificar e processar os responsáveis [...]” já que “[...] como em toda forma de criminalidade, [...] a impunidade é o maior incentivo à reincidência.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013). Em 14 de junho jornalistas são feridos nas manifestações e o *mainstream* midiático muda relativamente de posição contra a desproporção do uso da força indiscriminada da política militarizada brasileira contra cidadãos que protestam nas ruas.

Em 15 de junho a presidente Dilma Rousseff é vaiada na abertura da Copa das Confederações e neste ponto do processo de *swarming* atinge os *nodos* de grupos brasileiros em outros países que passam a manifestar-se em solidariedade aos manifestantes brasileiros que saí ás ruas, assim como vinha ocorrendo nos países do Norte desde 2011. A partir do dia 17 de junho, outras capitais aderem às manifestações de rua. Nesse dia, a revolta popular atinge a sede do poder legislativo carioca, ocupando, em uma guerrilha urbana, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Parecia que a *era dos riots* que já vinha ocorrendo em outras tantas grandes cidades do Norte, agora se espalhava virulentamente pelas ruas brasileiras, conectando simbolicamente os indignados europeus e os *occupies* norte-americanos à rede transnacional de grupos cidadãos globais que se somavam ás multidões em revolta contra os desmandes da classe política em detrimento das reais necessidades e demandas da população.

A partir desse momento, as mobilizações extrapolavam radicalmente a intenção inicial e a pauta reivindicada pelo MPL e tornavam-se um processo de mobilização sem precedentes na história brasileira, somente comparável ás grandes mobilizações do período de redemocratização da década de 1980 ou ao *Fora Collor*, mas que, pelas condições socioeconômicas e políticas, pelo cenário contemporâneo globalizado de crise estrutural do capital e pela abrangência e influência das novas tecnologias de informação e comunicação, não encontram paralelos precedentes significativos. O ciclo de protestos continuou se espalhando para as cidades de Norte a Sul do Brasil, até o dia 27 de junho, fechando a etapa que coincide com o processo de enxameamento ou *swarming*, característica das primaveras do século XXI, denominada como

*rizoma*¹⁷. Desde o dia 20 de junho até o Dia da Pátria, 7 de setembro de 2013, ainda ocorreram manifestações em que usar máscaras, roupas pretas ou portar vinagre e carvão passou a ser considerado ato subversivo de *vândalos* e *baderneiros*, passível de apreensão, averiguação e até prisão.

Muito se especula sobre as reais origens das manifestações no Brasil, já que o país vivencia uma economia relativamente estável e apresenta indicadores de pleno emprego, apesar da gritante desigualdade social que ainda apresenta e da alquimia duvidosa da política econômica governamental defendida para manter os índices de inflação e crescimento nos eixos em conformidade com o pragmático receituário econômês neodesenvolvimentista. Com base nestas relações globais entre atores sociais de uma gigantesca rede heterogênea e plural, seria um equívoco histórico, teórico e metodológico ignorar as conexões transnacionais ou simbólicas que se constituem mutuamente e considerar apenas o contexto nacional na busca de compreender e explicar tais fenômenos.

A configuração social dos indignados que ocupam as cidades em uma teia global de movimentos antissistêmicos constitui, conforme Giovanni Alves (2012), um novo tipo de proletariado que se alarga, denominado de *precariado*, encarnando o crescimento da precariedade laboral, caracterizada pelo desemprego estrutural e múltiplos processos de precarização do trabalho. Adentrando na base social de tais movimentos, vê-se que estas mobilizações contemporâneas são resultantes de contradições do sistema do capital, revelando um fenômeno sociopolítico de amplitude, ao dar visibilidade a uma *nova camada social do proletariado*, o *precariado*, na abordagem teórica de Giovanni Alves (2012), ou a uma *nova classe social perigosa*, conforme defende Guy Standing (2011).

O momento de crise estrutural, na compreensão de Giovani Alves (2012), pressupõe o desenvolvimento avançado das forças produtivas de onde emergem os indivíduos histórico mundiais - o sujeito histórico mundial em Marx - como uma multidão social desorganizada, como uma nova camada do proletariado que, por consequência, passa a configurar uma classe híbrida de trabalhadores e não trabalhadores proletarizados no cenário mundial, denominado de *precariado*. Pode-se relacionar o precariado, circunscrito por Giovanni Alves, ao conceito de multidão de Negri e Hardt (2005). Alves chega a firmar que “[...] o precariado é a ‘multidão’ da era do capitalismo pós-moderno que incomoda as classes dominantes do Primeiro Mundo.” (ALVES, 2012).

As políticas de ajustes em meio à crise econômica global, que se agravou desde 2008, vêm provocando o alargamento da condição de proletariedade, ampliando a precarização da vida e do mundo do trabalho de camadas cada vez

maiores da população, incluindo as classes médias, constituindo o que vem sendo denominado de precariado (STANDING, 2011; ALVES, 2011). O precariado, claramente, aparece como a base social dos movimento dos países do Norte e também no Brasil, a constituírem conexões dos *nodos* de uma teia global de indignação que compartilham referências simbólicas, conceituais e críticas na forma de práxis política antissistêmica contra os sistemas políticos característicos das democracias representativas, desenvolvendo estratégias e táticas a partir de diferentes grupos e constelações, que se articulam para as ações diretas ou visando construir estratégias mais duradouras como atores transnacionais (a exemplo do *Black Block*, dos *Anonimous*, do Movimento Democracia Real Já ou da rede *Occupy*).

Com base em uma entrevista recente concedida à Revista Cult (2013), é possível identificar alguns elementos da cosmovisão do MPL, em relação ao contexto das constelações dos *occupies* que vêm tomando forma desde 2011. Apesar do movimento não representar os *occupies* brasileiros até porque a própria noção e legitimidade e o próprio estatuto da representação estão sendo questionados pela cosmologia política dos atores que constituem as constelações do movimento, a título de análise dos elementos fundantes dessa nova cultura política, a ser devidamente configurada no âmbito das ciências sociais, importa destacar que as pautas e reivindicações dos ativistas, guardadas suas especificidades, apresentam relações estreitas e simbologias semelhantes com as das ocupações e *primaveras* que vêm ocorrendo há mais de três anos em muitos países do Norte.

Na medida em que o MPL desenvolve sua cosmovisão e práxis política em torno da possibilidade de *uma vida sem catracas*, o poder simbólico assume dimensões que afrontam os fundamentos sedimentados da sociedade de mercadorias, cuja cidadania vem sendo reduzida a inclusão de parcelas da população no mercado consumidor, em favor do progresso e do modelo de desenvolvimento econômico neodesenvolvimentista em curso no Brasil. Em tempos de crise estrutural (MESZÁROS, 2011), em que o slogan e a lógica da mercadoria incorporam e ressignificam todas as dimensões da vida humana e ambiental, a luta pela garantia da existência de circuitos alternativos que funcionem fora da esfera mercadológica, no âmago da civilização do capital, *per se*, constitui um poderoso instrumento contradispositivo dos poderes, interesses e imperativos encarnados nas instituições democráticas e nos sistemas políticos modernos.

Se a visão de um *mundo sem catracas* está diretamente relacionada à mobilidade urbana e, ao mesmo tempo, aos fluxos do capital, de pessoas e de mercadorias, também está diretamente relacionada ao fluxo de trabalhadores. A catraca é evocada

como signo da mercadorização que não conhece limites e avança cada vez mais sobre os circuitos da vida e da mobilidade urbana, especialmente nas grandes cidades, em favor dos interesses do capital, em detrimento do tempo e dos recursos parcos de trabalhadores e estudantes. O momento de deslocamento nas áreas urbanas, deste modo, assume uma dimensão de liminaridade: nem tempo de vida e lazer, nem tempo de trabalho. Mas, apesar dessa liminaridade que caracteriza o *nem lá, nem cá*, este tempo é também mediado pela lógica da mercadoria que a tudo abarca, em que o valor do transporte urbano é representativo, considerando o valor do salário mínimo e o tempo de vida, trabalho e lazer de trabalhadores nos grandes e médios centros urbanos.

Inspirados nas outras *primaveras*, militantes do MPL evocam a terminologia da *ação direta*¹⁸, do *processo*¹⁹, da *indignação*²⁰, compondo determinada *heterogeneidade* das cosmogonias políticas e ideológicas na forma de teias ou redes, denunciando a *falência da representação política* e a emergência dos horizontes políticos manifestados em bandeiras pretas²¹ e vermelhas. Como a maioria das outras constelações políticas, grupos e movimentos sociais que existiam antes da emergência dos *processos primaveris*, o MPL, que foi fundado em 2003, passa a constituir um *node* ou uma *constelação* política da teia que compõe uma sociedade civil global transnacional, com referenciais teóricos, políticos e simbólicos característicos da era digital. A dimensão sincrônica das subjetividades em convergência nas multidões das *primaveras*, em articulação local da ação direta, sistemática e contínua dos indignados europeus, ou dos *occupies* norte-americanos com os brasileiros, é sintetizada, *em paralaxe* (ZIZEK, 2008), com a dimensão diacrônica da história de cada ator coletivo a integrar as constelações do céu do *Occupy*²².

Daí resulta que o desenvolvimento histórico dos atores coletivos, como no caso do MPL, dos movimentos sociais feministas, LGBT, campesino, socialistas, anarquistas, etc., que se constrói paulatinamente no tempo histórico da práxis cotidiana, é amplificado e converge às ruas em uma explosão de indignação de outras subjetividades, a partir de outros pontos de vistas, por vezes bastante heterogêneos nas finalidades e nas visões de mundo, nas identidades e ideologias. Mesmo visões totalmente opostas podem convergir às ruas em momentos de enxameamento das multidões (*o rizoma*) como estes ocorridos nas *primaveras* desde 2011. Ativistas do OWS e do 15M relatam que, tanto num continente como no outro, participavam das manifestações, mais ou menos, de acordo com o momento, grupos tanto de extrema esquerda quanto de extrema direita.

Revolucionários e fascistas, neoanarquistas e comunistas, grupos conservadores e movimentos populares, desde o início das *ocupações*, disputam

o poder de definir o significado e o sentido histórico das manifestações no contexto local e global, tanto no âmbito da política interna quanto externa. O precariado, segundo Guy Standing, pode constituir-se em *uma classe perigosa*. É possível identificar o *perigo* que o autor atribui ao precariado, que carrega o potencial de produzir uma *política do paraíso* emancipatória ou descambar para uma *política do inferno* fascista, presente nas três fases de desenvolvimento dos movimentos:

Há um perigo que, ao menos que o precariado seja compreendido, a sua emergência pode levar a sociedade para uma “política do inferno”. Isso não é uma previsão. É uma possibilidade perturbadora. Ela somente será evitada se o precariado puder se formar uma classe-para-si, com agencia eficaz, e força para forjar uma nova “política do paraíso”, uma agenda levemente utópica e estratégica a ser adotada por políticos e pelo que é eufemisticamente chamado de “sociedade civil”, incluindo uma multidão de ONGs que muito frequentemente flertam em tornar-se quase-governamentais. O precariado está na vanguarda, mas ainda tem de encontrar a voz para trazer a sua agenda para a ribalta. Não é a “classe média espremida” ou uma “subclasse” ou a “classe baixa trabalhadora”. O precariado tem um pacote distinto de inseguranças e terá, igualmente, um conjunto diferente de reivindicações. (GUY STANDING, 2011, p. 3)

Assim, Standing designa o precariado como *uma nova classe perigosa*, justamente por estar sujeita a tendências tanto emancipatórias quanto reacionárias, podendo descambar para o nazi-fascismo, como no caso da Aurora Dourada na Grécia. Daí a necessidade de se desenvolver uma crítica sobre o *paradoxo do precariado*.

Para citar um exemplo bastante emblemático destas disputas pelo significado e orientação das *ocupações* e, consequentemente, pela possibilidade de determinar os futuros desdobramentos em termos de luta pelo poder simbólico e estatal, basta retomar o que vem acontecendo na Grécia, após a crise econômica, desde que teve início a *primavera grega* em 25 de Março de 2011. O movimento neonazista Aurora Dourada²³ passa a assumir cadeiras no parlamento grego e cresce significativamente no país com seu discurso nacionalista, racista e fascista em oposição aos grupos anarquistas, com os quais guerreiam constantemente nas ruas do centro de Atenas e nas arenas políticas e ideológicas que se instituíram e reforçaram desde então.

Algumas características comuns entre os movimentos do Norte e do Sul global podem ser apontadas, com base na pesquisa até o

momento realizada. Os movimentos assumem três fases distintas, características que serão detalhadas adiante, desenvolvidas com base em classificação defendida pelos próprios ativistas do OWS: ***rizoma*** (enxameamento ou *swarming*), ***diáspora*** e ***constelações***. Estas etapas ou dimensões, concomitantes aos desdobramentos das mobilizações, caracterizam os processos de *primaveras* dos *occupies* ou indignados.

Há um forte componente ideológico de esquerda renovada, presente nas manifestações, que persiste ao longo do tempo, estendendo-se da fase do *rizoma* para as fases da *diáspora* e das *constelações*, a reforçar processos anteriores e criar novas constelações e relações políticas, constituindo novos *nodes* na rede de movimentos. Por outro lado, as estratégias da direta tendem a acontecer mediados pelo *main stream* midiático, dos partidos políticos, das instituições do poder estatal e do aparato policial-militar. Assim, a questão levantada pelo MPL (REVISTA CULT, 2013), reforçada por recente declaração da Comissão de Direitos Humanos da ONU, orientando a desmilitarização da política no Brasil, ser de fundamental relevância no contexto da desestruturação dos dispositivos de biopoder.

Elementos comuns, conforme ressaltam os ativistas do passe livre, vêm se instituindo a partir de uma *cultura da mobilização popular e da ação direta*, que se desenvolve por meio de novas estratégias em que não estão presentes lideranças permanentes, constituindo-se em formas de organização coletiva radicalmente horizontais e descentralizadas ou se constituem e desfazem de acordo com as possibilidades e necessidades. Contudo, isso ocorre, principalmente, no âmbito de grupos de esquerda e extrema esquerda, que criticam as instituições e valores da democracia representativa e da lógica capitalista, a constituir maior parte das constelações que “tomam as ruas” mundo afora, conforme pode-se observar no discurso de uma das ativistas do MPL:

Os vinte centavos, assim como outros aumentos de tarifa, são a ponta do iceberg [...] e tem três reais embaixo dele que é suportado por uma lógica capitalista do transporte que é o ‘X’ [da questão]. Apesar de falarmos ‘são, sim, 20 centavos’, tem por trás disso todo um discurso de afirmar categoricamente que a gente luta pela inversão da lógica capitalista no sistema de transporte e, consequentemente, a gente pauta isso para outras esferas, como a da moradia e a da saúde. [...] o próprio exercício da vida passa pela circulação e essa circulação tem uma catraca feia e cinzenta no meio que vai rolando e tirando o seu dinheiro e pondo no bolso de quem não [...] (MAYARA VIVIAN, 2013).

A heterogeneidade dos grupos que compõem as primaveras pode ser observada nas manifestações, nas ações diretas e nas tendências e movimentos que se desdobram da fase *rizomática*, pela *diáspora*, em direção à conformação de *constelações*. Estas são formadas por *gravitações* na forma de afinidades ideológicas, identitárias, de visões de mundo, etc. Nesse novo cenário, tanto a esquerda tradicional, quanto os grupos reacionários, precisam repensar suas estratégias tendo como marco referencial as interpretações que fazem o senso comum sobre o fenômeno e dos significados que assumiram como interpretações factíveis para compreender e explicar os motivos e possíveis desdobramentos das revoltas. Um dos ativistas do MPL expressa o sentimento de que a crise do sistema político-partidário vem sendo esvaziado de sentido ideológico e que a questão central recai sobre a legitimidade e efetividade do regime democrático sedimentado nos últimos séculos, elaborando o problema da seguinte forma:

Todos os dias políticos das mais diferentes correntes ideológicas que, no fundo, são as mesmas correntes ideológicas, que é a do capital, do banqueiro, da máfia do transporte, continuam roubando e continuam dizendo para nós 'vamos construir trem e metrô'. [...] As consequências que dialogam nesses eventos, os diferentes tipos de olhar para a realidade, para chegar ao fim da pergunta. Mostram que, hoje, existe um problema com o sistema. O transporte é a realidade mais objetiva. As pessoas passam quatro horas por dia sentadas no transporte pensando 'que droga, o que eu estou fazendo aqui!' Pensam por que a saúde não é um direito, por que a educação não é um direito, por que sou excluído socialmente há décadas, por que uns são 'Eike Batistas' e outros são pobres da favela. Esta é a questão de fundo que está colocada e que leva para um questionamento direto: o que é essa democracia e se ela é uma democracia de fato (OLIVEIRA, 2013).

Assim, aparece a questão da participação de partidos políticos nas manifestações de junho no Brasil e sobre as disputas de aparelhamento político. Em um determinado momento, uma das manifestações ocorridas na Avenida Paulista, onde a disputa pelo sentido e significado das manifestações ainda estava bastante difuso, determinados grupos passaram a hostilizar as bandeiras de partidos políticos na multidão. Uma guerra de bandeiras estava se formando, de forma semelhante como ocorreu com o *Tea Party* nos Estados Unidos e com o PSOE na Espanha. Mayara Vivan, do MPL, oferece uma breve visão da radicalidade democrática que se pretende alcançar. Ao ser interpelada sobre a

questão da hostilização às bandeiras partidárias nas manifestações por parte de alguns grupos, defende a seguinte posição:

[...] tenho que deixar muito claro [...] que nós estávamos fazendo cordão humano para que elas não fossem arrebentadas. Apanhamos todos juntos. [...] A gente sempre falou isso [que nos atos do MPL não entra bandeira]. Agora, posso discordar de você até o último fio de cabelo, mas garanto até o último segundo o seu direito de falar. Nós somos um movimento anticapitalista de esquerda, então o mínimo que temos que fazer é: se formos termos uma discussão política sobre as bandeiras e vamos entrar em consenso com os camaradas para ver se leva ou se não leva a bandeira. [...] Não é só partido de esquerda, mas partido de direita tenta fazer ali esse aparelhamento (MAYARA VIVIAN, 2013).

Diante da complexidade e heterogeneidade dos atores sociais e interesses políticos que se misturam a multidão de indignados nas ruas mundo afora, especialmente na fase *rizomática*, a questão sobre o sentido histórico das primaveras e a real significado político de fundo ideológico permanece um desafio do tempo presente. Se as primaveras produzem a necessidade da esquerda tradicional repensar e fortalecer os movimentos sociais orgânicos aos partidos políticos, ao mesmo tempo, produz o incômodo efeito de reflexão sobre o próprio sentido da esquerda nas sociedades democráticas. Para Vitor Quarenta, do MPL, declaradamente integrante de um partido político de esquerda,

[...] a gente não conseguiu efetivar o estado democrático de direito. Porque [...] comprehende essas concepções [a partir] do que é fundamentalmente, radicalmente e economicamente democrático. (QUARENTA, 2013).

O mesmo sentimento expresso nas palavras e na concepção política dos ativistas do MPL pode ser identificado, tanto nos ativistas do 15M, na Europa, quanto nos *occupies* norte-americanos. Na Europa, o movimento **Democracia Real Ya!** (Real Democracy NOW Platform!), que também tem *nodos* do Brasil, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Irlanda do Norte e outros, vem desenvolvendo sua rede transnacional de forma integrada às ações diretas que ocorrem nas primaveras, com base numa plataforma que busca instituir novos direitos e institucionalidades democráticas de participação direta dos cidadãos no governo, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. Neste mesmo sentido foi desenvolvida a proposta de lei na Espanha, denominada *Democracia 4.0*, melhor detalhada na seção seguinte.

O questionamento dos fundamentos e da própria experiência da democracia liberal representativa no Ocidente constitui um elemento central na crítica contundente dos movimentos de ocupação à ordem estabelecida. Os atores sociais que constituem a *rede dos indignados* ou as constelações que compõem o *céu do Occupy*, articulados nas redes virtuais em direção às ruas e praças, materializam o sentimento de indignação ante um sistema do capital que amplia seus antagonismos e assimetrias, nos marcos de uma democracia impotente face aos processos sem limites de expansão do capital.

3 DEMOCRACIA RADICAL E PODER NA TEIA DE MOVIMENTOS DOS INDIGNADOS: delineando alguns elementos constitutivos de uma cultura política do século XXI

Algumas questões norteiam o processo de pesquisa que vem sendo realizado junto aos ativistas do OWS e que se estendem para os atores sociais e movimentos europeus e latino-americanos, incluindo os nodes da teia global no Brasil: Como caracterizar tais fenômenos? É possível identificar características em comum que possam ser atribuídas às práticas, aos atores sociais e às redes locais e transnacionais que se formam desde 2011? Que perspectivas teóricas iluminam e possibilitam a compreensão e a explicação do cenário e dos atores que se constituem no século XXI, a partir das mobilizações das multidões? Enfim, que nova cultura política está a se desenhar no cenário contemporâneo a partir destes novos atores sociais?

Alguns elementos que, até o momento, foram possíveis identificar com base na pesquisa desenvolvida desde maio de 2011, iniciada quando os indignados espanhóis ocuparam a praça Del Sol em Madri, foi o momento em que o movimento passou a assumir uma dimensão europeia, reforçado posteriormente pelo Occupy Wall Street, que, por sua vez, impulsionou o movimento no âmbito global. Primeiro pode-se afirmar que os movimentos correm com maior adesão em países em situação de crise econômica grave e/ou em processos graduais de precarização da vida, do mundo do trabalho e de ausência ou deterioração das políticas sociais.

As revoltas amplificam-se com maior facilidade em países onde se intensificou a emergência do precariado. Pode-se identificar que a base social que constitui a maior parte dos ativistas e manifestantes desses movimentos assume as características do que Ruy Braga, Guy Standing e Giovanni Alves denominam de *precariado*. Por um lado, Ruy Braga, em seu novo livro, *A política do precariado* (2012), considera o precariado como sendo o *proletariado precarizado*. Por outro lado, Guy Standing no livro *The precariat* (2010) não considera o precariado como proletariado, mas sim uma nova classe perigosa – *the new dangerous class*. Giovanni Alves,

deferentemente, utiliza o conceito de *precariado* com uma significação sociológica bem específica.

Para Giovanni Alves o precariado não constitui uma nova classe social, mas sim uma nova camada da classe social do proletariado. No século XXI, o proletariado como *classe social* amplia-se e diversifica-se, cada vez mais, no plano sociológico. Na medida em que se desenvolve o modo de produção capitalista e dissemina-se a lógica do trabalho abstrato pela vida social, universaliza-se a condição de proletariedade. Depois, o precariado não pode ser meramente identificado como *proletariado precarizado*, pois considerá-lo assim, significa perder a especificidade da categoria social de precariado.

O precariado, portanto, diz respeito a uma nova camada da classe social do proletariado constituída especificamente por jovens-adultos altamente escolarizados imersos em relações de trabalho e emprego precário. Portanto, o conceito de precariado implica o cruzamento das determinações de ordem geracional, educacional e salarial. A nova camada social do precariado se vincula historicamente à etapa de crise estrutural do capital e à hegemonia do capitalismo financeiro. Ele se manifesta socialmente com vigor nas economias capitalistas mais desenvolvidas onde a contradição radical entre desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção assume dimensões amplas e intensas.

Outra característica comum é que as manifestações têm início a partir de um *ato estopim*, que geralmente não está aparentemente relacionado aos desdobramentos e motivações posteriores das mobilizações e das ocupações. Na Tunísia e vários países árabes, foram as autoimolações; na Europa, as revoltas gregas e a ocupação da Praça del Sol; nos EUA a ocupação do Zucotti Park; na Turquia, a luta contra a remoção de árvores; e no Brasil, o movimento passe livre e repressão violenta da polícia, que amplificou as mobilizações de rua.

Assim como no Mundo Árabe, na Europa e nos Estados Unidos, os protestos no Brasil também tiveram um ato-estopim, que não necessariamente, estão diretamente ligados aos desdobramentos posteriores das mobilizações. O estopim dos protestos no Brasil foi a ação do Movimento Passe Livre, que reivindica o direito a mobilidade urbana, adotando como meta a instituição do direito universal ao passe livre de cidadãos, de trabalhadores e estudantes nos circuitos urbanos construídos em função dos interesses do capital em um momento especial de visibilidade que o país vive por ocasião dos eventos esportivos internacionais.

A partir do *ato-estopim*, variadas formas de indignação impulsionam a confluência progressiva das multidões a ocuparem ruas e espaços públicos durante determinado período de tempo. A esta fase denominamos *rizoma*: momento em que todas as cores da indignação assumem formas manifestas de

protestos na ágora contemporânea que hibridiza o virtual ao social. Cada um com sua demanda, sua crítica, sua cosmovisão, sua ideologia, seu projeto de mundo. Nesta fase podem coexistir grupos que vão de tonalidades anarquistas, de esquerda progressista, direita nacionalista e até fascistas. Aqui cabe ressaltar a importância do conceito de *Multidão* e de *Império* de Negri e Hardt, de redes de indignação, de Castells e de *sociedade abigarrada* de Zavaleta Mercado (2002) e a noção de *Arena Fibonacci* dos Novades, grupo neoanarquista fundado a partir do OWS.

Nessa fase, as multidões, nos atos públicos antissistêmicos que são inicialmente pacíficos, assumem dimensões de revoltas populares marcadas por enfrentamentos entre manifestantes e o aparato repressivo estatal. Muitas vezes assumem características e dimensões de guerrilhas urbanas, de revoltas ou mesmo de revoluções²⁴, com deposição de governos, mortes e prisões em massa. Nesta etapa, no Brasil, portar vinagre ou encobrir o rosto visando o anonimato passa a tornar-se um ato subversivo passível de coerção e prisão.

A segunda fase que estas *primaveras* claramente apresentam, consiste em um movimento que denominamos de *diáspora*: quando os grupos que ocupam as ruas e os espaços públicos começam a dispersar e retomar sua rotina. Contudo o período rizomático já delimitou um marco histórico em pleno processo de desenvolvimento nas fases subsequentes, onde o fúgio e o indeterminado (para lembrar o que Baudelaire aponta como características da condição moderna) se apresentam intensificados pela cibercultura e sua velocidade estonteante, conforme o contexto sociopolítico de cada país ou região.

Ao iniciar a fase da diáspora, em paralelo, tem início a terceira fase, que os Novades e ativistas do OWS chamam de *constelações*. Nessa fase os grupos mais ou menos afins em termos político-ideológicos ou organizacionais passam a convergir para determinados *centros gravitacionais* político-culturais de acordo com a visão de mundo e a compreensão do grupo sobre os significados, as causas, os motivos e as estratégias de atuação no universo que compõem a rede dos movimentos em termos globais. Com o passar do tempo, o Movimento Occupy Wall Street (OWS), no processo da própria diáspora²⁵, desdobrou-se em cinco grandes tendências: *Tide*, *Pivot*, *Reclaim*, *Novad* e *Strike Debt*. Na Espanha o movimento agrupou-se em torno de gravitações diversas como assembleias de bairros, em novas formas de organização da sociedade civil ou daqueles que fundaram um novo partido (o Partido X, que pretende instaurar a democracia radical a partir de dentro do sistema político-partidário representativo)

É comum, após a diáspora, os movimentos sociais já existentes no país: movimentos trabalhistas, de direitos humanos, de mulheres,

LGBT, sindicalistas, ambientalistas, anarquistas, indígenas (ou mesmo fascistas) passam a retomar e ressignificar suas formas de lutas com mais força e passam a compor as constelações da rede nacional e transnacional que se organizam e ações diretas articuladas ou ações locais, unificando saberes, símbolos, táticas e estratégias sem perder sua identidade política.

Os novos atores sociais do cenário global da era digital pretendem conjugar o verbo *ocupar*, ressignificando-o e dotando-o de um poder simbólico que visa a *ocupação* desde instituições sociais, até campos de saberes distintos (como a estética, linguística e a retórica), assim como as práticas hegemônicas reproduutoras da lógica do capital e do Império, procurando transformá-las em favor do precariado ou subvertê-las. A política é entendida de maneira muito mais ampla, capilarizada e difusa; inscrita nos corpos, prenhe de dispositivos de subjetivação, impondo a reflexão sobre a constituição de práticas capazes de romper com tais dispositivos cujo objetivo principal é transformar em dóceis os sujeitos permissivos ao sistema sociometabólico do capital.

A esfera do político, nessa perspectiva, permeia todas as relações cotidianas, as teias de significados e as formas de viver da esfera pública ou privada questionando o estatuto da representação em qualquer instância ou dimensão social e política. Determinados grupos pretendem instituir uma nova gramática social, construir paulatinamente novas culturas políticas, modos alternativos de produção, distribuição e consumo, formas de sociabilidade alternativas e relações sociais radicalmente horizontais, sem a figura da representação política.

A representação política no capitalismo tardio seria uma das principais causas de exclusão, exploração, repressão e desigualdade dos sistemas políticos verticais, nos quais as corporações e redes transnacionais do capital dominam e orientam os modelos de desenvolvimento, as relações de produção, as instituições, estruturas e relações sociais que orientam o destino da democracia representativa liberal. Outra característica comum é que os *occupies* e os *indignados* do século XXI procuram desenvolver contradispositivos em suas estratégias de luta, procurando incidir o foco da resistência nos processos de subjetivação, levando ao limite o exercício do poder por parte do governo e dos grupos instituídos, especialmente a classe política e as corporações transnacionais.

Diante dessas características levantadas a partir da pesquisa, importa indagar sobre este fenômeno no Brasil e na América Latina: Como estão se configurando estas manifestações a partir do Sul? Que desdobramentos políticos, sociais, econômicos e culturais tais movimentos serão capazes de promover no âmbito do sistema político, do Estado, da democracia e do neodesenvolvimentismo que se apresenta? Qual o impacto a curto, médio e longo prazo, as movimentações das constelações

que estão a se constituir gradativamente, podem transformar a democracia representativa ampliando os mecanismos de participação e redefinindo a esfera do que conta como político?

Ao conjugar a complexidade e a pluralidade dos atores, dos partidos políticos, dos interesses nacionais e internacionais, públicos e privados, os conflitos entre o capital e o trabalho, quais elementos em jogo no Brasil e na América Latina, que categorias nos ajudam a compreender e explicar este fenômeno de nosso tempo, diante da uma crise estrutural e sistêmica do capital? Essas são questões que certamente ainda perdurarão por bastante tempo até que através de infinitas aproximações, como bem assevera Bachelard, seja possível vislumbrar devidamente a profundidade e abrangência desta inflexão histórica contemporânea a incidir certas formas de saber e fazer político, a produzir elementos constitutivos de novas culturas políticas hipermodernas características da cibercultura. Eis um desafio do tempo presente, um desafio que é também um desafio aos intelectuais, aos cientistas sociais e às teorias até aqui desenvolvidas.

A cultura política implicada nas concepções de poder e democracia dos *occupies*, na medida em que possibilita a compreensão da dinâmica veloz e multifacetada da vida social contemporânea, impõe às ciências sociais o desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas capazes de iluminar a complexidade de atores sociais articulados em redes globais transnacionais, em suas múltiplas camadas e dimensões de subjetividades, estratégias, mobilizações e formas de ação coletiva.

Os movimentos transnacionais de ocupação, assim como determinados movimentos sociais latino-americanos que influenciaram, ou foram por aqueles influenciados, concebem a luta no sentido da redefinição do que conta como político, do próprio sistema político, das práticas econômicas, sociais e culturais, no sentido de possibilitar a ampliação e a dessedimentação de novas fronteiras do político, através da produção de conhecimento e de práticas discursivas e ações diretas, visando a ressignificações simbólicas de relações sociais típicas do capitalismo contemporâneo.

Ao buscar o alargamento do campo do político, profanam (AGAMBEN, 2009) o fetiche sagrado do capital e desestruturam a *ditadura* cultural do mercado sobre a ordem social, procurando restituir o que fora apartado do universo do político pela sedimentação institucional, redefinindo o que na cultura hegemônica se defende como sendo a esfera *autônoma* e *natural* do econômico. Daí resulta a relevância das práticas culturais e das redes interpessoais da vida cotidiana que sustentam os movimentos transnacionais de ocupação, as práticas e discursos das diferentes tendências que compõem o OWS e dos *indignados* europeus. Tais movimentos configuram vínculos interpessoais, a consolidar novas formas de consciência. Teias

interorganizacionais e diferentes valores político-culturais são criados e fortalecidos com outros movimentos, em uma multiplicidade de atores e espaços culturais e institucionais, dentro e fora das fronteiras nacionais.

As ocupações que se espalharam nas grandes cidades, em 2011, 2012 e 2013, constituem um acontecimento fundador de um novo tipo de movimento social global e esboçam características de um *novo transnacionalismo* para a ação coletiva na cibercultura. As suas pautas reivindicatórias interpelam sobre as possibilidades da reinvenção da democracia, a partir de uma nova gramática social. Com seu ciberativismo, produzem sinergias sociais em rede, tecendo estratégias de luta territorial

[...] num cenário de crise social ampliada [...] eles nos ensinam que, hoje, a luta contra o capital global que desterritorializa é a luta pela territorialização ampliada, difusa, descentrada. (ALVES, 2012).

Por sua forma de atuar, os grupos que constituem o movimento desenvolvem uma política cultural (ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A., 2000) e práticas de cunho ideológico, visando à revolução da vida cotidiana. Assim, a noção de *microrrevolução*, desenvolvida pelos Novades, vem sendo concebida como uma forma de se transformar uma sociedade sem necessariamente *tomar* o poder instituído pelo Estado, pelos partidos ou grupos políticos ou por via eleitoral. A esfera do político, nessa perspectiva, permeia todas as relações cotidianas, as teias de significados e as formas de viver da esfera pública ou privada. Os *occupies*, desse modo, buscam mudar o mundo sem tomar o poder (HOLLOWAY, 2003).

Os *occupies* fundam suas práticas em uma nova produção e concepção estética, em seus aspectos e desdobramentos políticos, visando transformações radicais dos valores e do próprio sistema social e econômico. Sua estética subversiva está fundada na renovação do anarquismo e no *homo ludens* (HUIZINGA, 2000). Uma estética da crítica e do lúdico como condição do *self* própria da existência libertária.

A questão posta, qual esfinge de Gizé, é compreender os elementos constitutivos, a natureza e as perspectivas desses movimentos, que articulam potencialidades do espaço virtual às tradições emancipatórias de lutas nos espaços urbanos. Assim, o que parece ser um desafio do tempo presente, impõe às ciências sociais a necessidade de interpretar a nova figura que a democracia assume, a nova figura do capitalismo e a nova figura do poder; ou, dito de outra forma, os limites da democracia, os limites do desenvolvimento capitalista e os limites da definição do poder moderno. Nesse contexto, tanto os movimentos que emergem no Sul, quanto os do Norte, dialogam tradições e inovações teóricas e renovam a práxis e extrapolam os limites da cultura política dominante.

REFERÊNCIAS

- 15M. *Indignados!* Madri: Mandala Ediciones, 2011.
- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Argos, 2009.
- ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ALVES, G. *O enigma do precariado e a nova temporalidade histórica do capital*. São Paulo, 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://boitempoeditorial.wor dpress.com/category/ colunas/giovanni-alves/>>. Acesso em: 25 set. 2012.
- BEY, H. *Zona autônoma temporária*. [S.I.] Autonomedia, 1991.
- CHESNAIS, Fs. *A mundialização do capital*. Xama, 1996.
- DOMINGUES, J. M. Aproximações à América Latina: desafios contemporâneos. Editora Record, 2007.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. ed. 4., Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *O sujeito e o Poder* (1983). In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- HARDT, M. e NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARDT, M; NEGRI, A. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. ed. 2. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARVEY, D. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. Tradução de João Alexandre Pechanski. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HOLLOWAY, J. *Mudar o Mundo sem Tomar o Poder*. São Paulo: Viramundo, 2003.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. ed. 4. S: Perspectiva, 2000.
- LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. 2006.
- LEFORT, C. *Democracy and political theory*. Cambridge: Polity Press, 1988.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal*: ensaio sobre uma sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*: esboços da crítica da economia política. [Karl Marx Ökonomische Manuskripte 1857/58]. Supervisão editorial Mario Duayer, Tradução Mario Duayer, Nélio Schneider, (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). 1ª ed. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. 788 p.
- MOUFFE, C. *The return of the Political*. Londres: Verso, 1993.
- MÉSZÁROS, I. *A crise estrutural do capital*. Tradução de Francisco Raul Corvejo... et al. 2 ed. rev. e ampliada São Paulo: Boitempo, 2011. 153 p. (Mundo do trabalho).
- MORIN, E. *O século XXI começou em Seattle*. Le Monde, Dez., 1999.
- NEGRI, A. *El movimiento de los movimientos*. I Ciclo de Seminários Internacionales: Pensado el Mundo desde Bolivia, 2010.
- PESCHANSKI, A. in HARVEY, David... et al. *Occupy*: movimentos de protestos que tomam as ruas. Tradução João Alexandre Peschanski. et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.
- REVISTA CULT. *O que pensam os jovens que ocupam as ruas*. Edição 182: São Paulo. Agosto de 2013. Acesso em 18 de Agosto de 2013; Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/08/o-que-pensam-os-jovens-que-ocupam-as-ruas/>
- SOUZA SANTOS, B de. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, v. 4, 2008. 511 p.
- STANDING, G. *The precariat: The new dangerous class*. Hodder Arnold, 2011.
- TOURAIN, A. *La Voix et le Regard*. Paris, Scuil, 1978.
- TOURAIN, A. *Production de la Société*. Paris, Scuil, 1973.
- WILLIS, P. *Common Culture*. Londres: Verso, 1990.
- WOOD, E.M. *Democracia contra capitalismo: renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- YÚDICE, G. *A globalização da cultura e a nova sociedade civil*. In: ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (orgs). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ŽIŽEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZIZEK, S. In HARVEY, D... et al. ***Occupy: movimentos de protestos que tomam as ruas.*** Tradução João Alexandre Peschanski... et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

NOTAS

¹ Texto apresentado na Mesa Temática Coordenada: Expressões Contemporâneas da Crise na Civilização do Capital: Lutas e Resistências Sociopolíticas e Movimentos Transnacionais realizada na VI Jornada Internacional de Políticas Públicas (JOINPP): o desenvolvimento da crise capitalista e a atualização das luta contra a exploração, a dominação e a humilhação, São Luís, 20 a 23 de Agosto de 2013 São Luís: Universidade Federal do Maranhão.

² Ocorridos em dezembro de 1999.

³ O Carnaval Global Contra o Capital, 18 de junho (J18) de 1999. Foi um dia internacional de protesto para coincidir com a Cúpula do G8 em Colônia, Alemanha.

⁴ Protestos em torno da Conferência Ministerial da OMC de 1999. Ocorreu em 30 de novembro de 1999 (apelido de "N30"), em Seattle nos Estados Unidos.

⁵ A16 foi uma série de protestos em Washington contra o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que ocorreu em 16 abril de 2000.

⁶ *EuroMayday* é um processo pelo qual as ações e as demandas dos trabalhadores são apresentadas para combater a precarização generalizada das juventudes e a discriminação dos imigrantes na Europa. Uma expressão política transnacional de trabalhadores em situação laboral precária e de migrantes, que demarca o dia do trabalhador em mais de uma dúzia de cidades europeias. A primeira parada foi realizada em Milão, em 2001 e, a partir de 2004, o processo se espalhou por toda a Europa.

⁷ Fonte: Occupy Together – Disponível em: <<http://www.occupytogether.org>>, Acesso em 07 Out. 2013.

⁸ Conforme a concepção dos ativistas, os movimentos (OWS e os indignados europeus de um modo geral) passaram por três etapas distintas: 1) fase do **rizoma**, na qual as pessoas e grupos sociais diversos iam convergindo para as ocupações de praças e ruas nos grandes centros urbanos; 2) a fase da **diáspora**, marcada pela dispersão dos grupos das áreas ocupadas; e 3) a fase das **constelações**, fase atual do movimento, onde os indivíduos e grupos confluem para conglomerados, consolidando coletivos com certa identidade cultural, política, ideológica, temática, social, entre outras.

⁹ Grupo de maior aglomeração e a principal tendência (*o main stream*) do OWS contempla ativistas,

intelectuais, universitários e uma grande variedade de ativistas norte-americanos e canadenses. Foi o grupo que inicialmente articulou, promoveu o chamado para a ocupação de Wall Street.

¹⁰ A tendência *Pivot* está mais ligada ao mundo acadêmico, aos intelectuais, à *nova esquerda* norte-americana.

¹¹ *Reclaim* é a tendência que congrega os espiritualistas, mais próximas de *novos hippies* que fundamentam sua luta em princípios religiosos ou preceitos espiritualistas, ecológicos, etc.

¹² *Novad* (que congrega os Novades, aportuguesando), em uma das explicações atribuídas à origem etimológica do nome, surge a partir da fusão de *supernova* e *nômades*. É um grupo relativamente pequeno que congrega principalmente neoanarquistas, anarco-comunistas, socialistas e quem mais deseja fazer parte, já que é fundado na valorização da diversidade da heterogeneidade sociocultural como princípio geral do grupo, desde que partilhe do desejo de transformação radical da ordem hegemônica do capital.

¹³ *Strike Debt* [greve da dívida] é a tendência mais recente do OWS, que vem se organizado institucionalmente visando liquidar as dívidas produzidas pela crise financeira, não a pagando ou criando mecanismos de negociação e compra coletiva da carteira de crédito para liquidá-la. Frequentemente é acusada de *jogar o jogo do império*.

¹⁴ Tunísia, em 18/Dez/2010; Argélia, em 28/Dez/2010; Líbia, 13/Jun/2010; Jordânia, 14/Jun/2011; Mauritânia, 17/Jun/2011; Omã, 17/Jun/2011; Iêmen, 18/Jun/2011; Arábia Saudita, 21/Jun/2011; Líbano, 24/Jun/2011; Egito, 25/Jun/2011; Síria, 26/Jun/2011; Palestina, 28/Jun/2011; Iraque, 10/Fev/2011; Bahrein, 14/Fev/2011; e, Kuwait, 18/Fev/2011.

¹⁵ A partir do dia 25 de março de 2011, com a revolta na Grécia, teve início um ciclo de protestos que tomaram as ruas e praças de XXX cidades europeias e que durou persistentemente por mais de dois anos e, atualmente, apesar da fase de aparente esvaziamento, ainda mobiliza muitas formas de protestos.

¹⁶ O movimento Democracia Real Ya (DRY) foi o propulsor da manifestação do dia 15 de Maio que deu origem ao movimento 15M (movimento dos *indignados*), contava com o apoio de quinhentas associações bastante diversas e rechaçava a colaboração de partidos políticos e sindicatos, defendendo a independência dos protestos de qualquer ideologia política institucionalizada. Aliaram-se à iniciativa do DRY os coletivos ATTAC, Anonymous, NoLesVotes e Juventud SIN Futuro. Assim como o MPL no Brasil, os dois últimos movimentos europeus já haviam organizado manifestações anteriores menos numerosas.

¹⁷ Estas etapas (*rizoma*, *diáspora* e *constelações*) ou dimensões das *primaveras* ou ondas de revoltas do precariado que vêm ocorrendo desde 2011, principalmente, em grandes cidades de todo o ocidente, constituem categorias analíticas desenvolvidas na

pesquisa a partir de contribuições dos Novades (uma constelação do movimento *Occupy Wall Street*) e são desenvolvidas na última seção deste texto.

¹⁸ Direct Actions é uma expressão frequentemente utilizada pelos ativistas do Occupy Wall Street e pelos Indignados espanhóis, referindo-se aos atos de mobilizações, protestos e performances realizadas por grupos e constelações que compõem o movimento.

¹⁹ O movimento OWS desenvolveu-se em segmentos especializados para as mobilizações e ações diretas, bem como para o fortalecimento dos saberes e estratégias do pós-occupy. Um destes segmentos organizativos do movimento chama-se *Occupy Process*, que tem a função de debater e consolidar as formas mais horizontais de processos democráticos para as tomadas de decisões, considerando que a questão processual (o proceduralismo como a questão central para a radicalização da democracia). Em formatos diferentes, o movimento 15M espanhol organiza-se em várias comissões, sendo uma delas responsável pelo debate e consolidação de procedimentos e métodos horizontais de mediação de conflitos e tomada de decisão.

²⁰ Referência ao Indignez vous (Stephan Hessel, 2010) e aos indignados espanhóis que empunhavam simbolicamente seu livro como um panfleto revolucionário.

²¹ Referem-se aos grupos anarquistas e neoanarquistas que vem fortalecendo suas bandeiras desde que teve início a era dos riots, incluindo grupos como o Black Block, que defende ações de vandalismo contra o patrimônio das grandes corporações, governo e empresas ligadas ao sistema financeiro.

²² A expressão céu do Occupy é frequentemente evocada pelos ativistas do movimento ao se referirem às constelações políticas que se formaram no processo de diáspora a partir de indivíduos que se aglomeraram por gravidade/afinidade identitária e política. A noção de céu remete à infinitude do “espaço” revolucionário que contempla uma gama imensa de cosmogonias que se associam na luta contra o sistema, compondo uma multidão de constelações que se atraem mutuamente na forma de redes e conexões gravitacionais entre constelações.

²³ O partido Aurora Dourada, atualmente, detém 18 dos 300 assentos no parlamento grego.

²⁴ O caso do Egito, do Iemem, entre outros.

²⁵ Conforme a concepção dos ativistas, os movimentos (OWS e os indignados europeus de um modo geral) passaram por três etapas distintas: 1) fase do *rizoma*, na qual as pessoas e grupos sociais diversos iam convergindo para as ocupações de praças e ruas nos grandes centros urbanos; 2) a fase da *diáspora*, marcada pela dispersão dos grupos das áreas ocupadas; e 3) a fase das constelações, fase atual do movimento, onde os indivíduos e grupos confluem para conglomerados, consolidando coletivos com certa identidade cultural, política, ideológica, temática, social, entre outras.

Ricardo S. Kaminski

Sociólogo

Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)

E-mail: ricardoskaminski@gmail.com

Universidade Federal do Ceará - UFC

R. Paulino Nogueira - Benfica,

CEP: 60020-270, Fortaleza - CE